

A RELAÇÃO DA PINTURA DE RETRATO E PERSONALIDADES RETRATADAS DA SOCIEDADE PAULISTANA: CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA PARA A ARTE.

Débora Elise de Almeida¹

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem por objetivo identificar através de minha pesquisa nos retratos do acervo do Museu da Santa Casa de São Paulo, as relações da pintura de retratos e a sociedade paulistana retratada em importância para a História da Arte no decorrer do processo de análises interpretativas e a busca de um significado para a validação das obras junto com a importância histórica da criação do Hospital Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, seu olhar através da história e criação do Museu até os dias de hoje.

A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO E A SUA ORIGEM

Existe uma grande lacuna em relação a exata criação da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo, acredita-se que sua origem se deu na metade da década de XVI em início de XVII. Os documentos mais antigos existentes que comprovam a origem da *Santa Casa de Piratininga* são do período quinhentista, um legado em testamento com data de 5 de novembro de 1599 com o valor de “*hum mil réis, para a Misericórdia*” (Duílio Crispim Farina²).

A origem da primeira sede da Santa Casa de São Paulo se deu na palhoça de Anchieta localizada no Pátio do Colégio em sua vinda ao Brasil, logo, sua instalação se fez na Rua Direita na Igreja da Irmandade, atendendo os enfermos na Sacristia, no Largo da Misericórdia, foi construído um chafariz que foi transferido

¹ Graduanda em História da Arte pela escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp). E-mail: deh.elisea@gmail.com

²Ernesto de Souza Campos, *Santa Casa de Misericórdia de São Paulo*, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Vol. XLIV (2ª Parte), São Paulo, 1949, pág. 10.

para o Largo da Santa Cecília em 1886. No período bandeirista era difícil construir um hospital devido a pobreza no planalto de Piratininga, a grande demanda de recursos para mantê-lo se dava a poucas vindas dos próprios paulistas ao centro, que preferiam se manter com policultura e frequentar o planalto apenas para atividades festivas e não cotidianas, deste modo, pouco se fez neste período para mudar tal situação da Misericórdia do Planalto, a “Idade do Ouro” necessitava de movimentos voltados para Minas Gerais, esvaziando São Paulo em busca da nova descoberta lucrativa. No início do século XVIII, nota-se uma reformulação em relação aos problemas assistenciais da Santa Casa e sua administração, conforme consta nos Livros de termos de Mesa ³do período, o terreno para construção do hospital foi pedido pela Santa Casa à Câmara em julho de 1716, próximo a Igreja da Irmandade na Rua Direita e a construção se deu em 1717 conforme aponta em ata do período⁴.

Com o término em 1740 da Igreja da Irmandade, provou-se o desinteresse em construir um prédio novo hospitalar, foi então decidida a compra de quatro casas para a finalidade de atender e servir como espaço hospitalar na Rua da Quitanda em 1744, e finalizadas em sua objetividade em 1749. A justificativa do empobrecimento da cidade de São Paulo em relação a aquisição de um novo espaço para o hospital se fez devido ao elevado valor “imobiliário” da época, o atendimento para pobres, cativos livres e escravos da época se fazia pela Misericórdia, o fato em relação ao ocorrido é que sempre existiu um costume em enterrar ali os mortos, o que constitui um pequeno preço arrendatário e o surgimento de um cemitério local.

O desenvolvimento progressista lento e rico da província no final do século XIX, traz a partir do café a liderança econômica nacional, além do grande desenvolvimento dos transportes, sistema ferroviário e apropriação de uma nova formação do setor de trabalho e de comunicação. O crescimento da elite cafeeira dentro da capital gerou um déficit grande em relação as indústrias não existentes no momento.

A ausência de documentos dos primeiros cinquenta anos do século XVIII, justifica o verdadeiro fato em que foi tomada a decisão de instalar um novo hospital, com indício a precariedade na instalação constava desgastes, junto a ausência de estrutura para capacitar a população que usufruía o complexo é no mínimo suficiente para se pensar em medidas de infraestrutura que o período higienista necessitava em exclusividade. Não se sabe exatamente quais as medidas da Irmandade que foram tomadas dentro deste ocorrido para que fosse sugestionado tal procura de uma nova instalação própria, a primeira hipótese se deu com a Chácara dos Ingleses em período provisório em 1824, após inúmeras reformas e construções desde o período de 1844, não se supriam as necessidades já mencionadas de atendimento aos pacientes, o número de enfermos triplicou desde seu início de existência e as transformações industriais e ferroviárias após 1860

³ *Livros de Termo de Mesa*, nº 01, Santa Casa de São Paulo, 1703-1738. In: Acervo do Museu Santa Casa.

⁴ *Ata de 03 julho de 1917 – in Livro das deliberações*. – Pág. 66. In: Acervo do Museu Santa Casa de São Paulo.

criaram junto com a chegada de imigrantes ao estado, sendo necessária a projeção de uma planta adequada de um hospital em um terreno capacitado para este fim.

Em agrado à elite que ofereceu vários terrenos e espaços diferentes como no Bexiga, Luz e Arouche, em locais perto e atendendo ao solicitado conveniente espaço estabelecido por Luiz Pucci, junto com Caetano de Campos e Guilherme Ellis, o terreno da Santa Casa é oferecido pelo Barão de Piracicaba e Dr. Rego Freitas no Arouche perto da Capela da Santa Cecília. O benefício em receber uma doação de grandes figuras da elite paulistana dava uma idealização de enobrecimento do lugar e abria portas favoráveis para mais doadores que começavam a elevar seu próprio legado em razão do período cafeeiro, a Irmandade era aberta ao recebimento desta elite, se tratando de dependência financeira de doações a aceitação do terreno se fez imediata, pois, atendia adequadamente todos os requisitos apontados por Pucci. A Santa Casa ganha espaço com um grande terreno cercado pelas ruas: Cesário Mota, Marquês de Itu, Jaguaribe e D. Veridiana, nomes importantes para a elite paulistana em razão de bens e feitos à caridade. O terreno cedido para a construção de um hospital era antes um campo com plantações de chá do general José Arouche de Toledo Rendon. O Hospital teve seu projeto em andamento e criação na década de 1870 e início da construção em 1879⁵, seu término e inauguração começou em 31 de agosto de 1884 e para 1885 a mudança para a sede definitiva e finalizada.

A região do bairro Santa Cecília, local onde se fundou a Santa Casa, ocorreu em 1860, com a solicitação dos moradores em construir uma capela de madeira, a facilidade em que a cidade se propagava no Arouche, trouxe novo olhar para uma região nova e pouco habitada, a mansão de Dona Veridiana com características de modelo europeu (remetente ao renascentismo francês) foi o grande estopim para que o distrito se formasse rumo a separação de Perdizes e a nova consolidação de bairros como Vila Buarque (local onde se encontra o Hospital) que era no período de seu desenvolvimento, um bairro de concentração da grande elite cafeeira graças a Higienópolis, o recebimento da classe média-alta permanece em sua existência e privilégio local até os dias de hoje.

O MUSEU SANTA CASA: ORIGEM DO ACERVO E PINACOTECA

O projeto de arquitetura realizado por Luiz Pucci para a construção da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo é elaborado através do estilo gótico ⁶, poupando economicamente e elaborando de maneira mais simples e direta aos objetivos sanitários do momento de sua construção. Acompanhava características francesas e a união aos aspectos místicos e influenciadores de religiosidade com tendência ao historicismo que

⁵ Benedito de Lima Toledo. *São Paulo: três cidades em um século (São Paulo: Duas Cidades, 1983)*, p. 88. 2004.

⁶ Glauco Carneiro. *O Poder da Misericórdia – A Santa Casa na História de São Paulo*. – Pág. 54-55. Volume 3. São Paulo. 2010.

remete todo o tempo sua arte, a ideia de se obter um castelo monumental com tetos inclinados, arcos de ogiva, traz o estilo gótico em seu novo tempo em lembrança ao período feudal, as torres altas deveriam ter uma cruz que fosse possível ser avistada de longe. Dentro do prédio central, na região da Provedoria, biblioteca, arquivo e ofícios, já se pensava no espaço para o Museu⁷, em relação ao projeto arquitetônico, acredita-se que a única explicação para a localização deste, é que se tratava de um depósito de partes enfermas retiradas dos pacientes e conservadas em formol para estudos científicos, fato que posteriormente foi consolidado conforme registros que apontam em providência memorativa, ação e visita ao depósito do Hospital Central, sendo esta realizada no ano de 1984 à 1992 em busca de organização de um acervo museológico para sua formação. As documentações existentes até o presente momento, são do final do século XIX, remetem a ideia de importância em resgatar a memória e permanência de dados que sobre a trajetória histórica da origem da Irmandade da Santa Casa até os dias atuais. Apontado no Livro de Compromisso da Mesa Administrativa do ano de 1977⁸, a origem do cargo Mordomia se aplica em administrar espaços estabelecidos pela mesa e competem a seguinte obrigação:

Art.48 – Ao Mordomo do museu e Capela compete organizar e superintender os seus serviços;

1º - Quanto ao Museu:

Manter o Museu da Irmandade e desenvolvê-lo, colecionando e classificando suas peças, dispondo-as de maneira a serem apreciadas nas vitrinas e estantes;

Zelar pela conservação e manutenção de suas peças, de maneira a evitar estragos, deterioração, furtos e depredações;

Cuidar dos quadros das galerias, mantendo-os conservados em ordem e relacionados;

Registrar os fatos históricos do interesse, mantendo-os conservados, em ordem e relacionados.⁹

Deste modo, nota-se que o Museu ainda era vinculado à Capela, sendo assim, a junção de valores relacionados ao objetivo de contar a história se fazia por uma relação de religiosidade e conservação de um ponto de vista específico em valor ao pensamento de sua origem nas confrarias, ainda assim, o Museu atendia em rumo ao objetivo de se seguir os elementos de sua missão ¹⁰e a busca por novas peças e artefatos se

⁷ *Relatório da Mesa Conjuncta* – Pág. 173-176. São Paulo. 1928.

⁸ *Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo*. – Pág. 12. São Paulo. 1979.

⁹ Seção III do livro de ata do Compromisso da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, p.14.

¹⁰ *Como Gerir um Museu: Manual Prático* – ICOM. Pág. 40. França. 2004.

dava em vasculhar depósitos e lixos da instituição, ou em recuperar peças que estavam prestes a serem leiloadas ou doadas por parte da elite que se relacionava socialmente com a instituição, um grande motivo para tal atitude ser vista de maneira crítica e negativa em seu resultado inicial de construção do espaço museológico, devido à falta de conhecimentos sobre gestão museológica, o espaço era disposto em forma de “gabinete de curiosidades”, sendo uma espécie de colocação de artefatos “*de uma forma mais didática e mais bonita de se ver*”¹¹ com relação ao contexto em que este fazia-se sentido conforme objetos eram encontrados, é evidente pela maneira como as coisas se deram que não permaneceu deste modo, o museu sofreu e sofre inúmeras transformações desde sua existência e inauguração.

Inaugurado em 6 de junho de 2001 o Museu é aberto para visitas institucionais de integração de corpo de funcionários da Santa Casa, visitas agendadas e visitas livres. Em 2011 até os presentes dias, conforme apontam relatórios anuais, o museu passa por reformulações e elaborações que buscam atender todos os preceitos e diretrizes para melhorias em sua permanência.

Em 2016, o Museu passa por enormes mudanças até os dias atuais, a estrutura em que este se encontra é em definição de diretrizes museológicas que atendam tais características: museologia, gestão, salvaguarda e comunicação, vale salientar que a potencialização em elevar seus valores e conquistas ainda é um objeto de grande busca e necessidade de muitas vertentes relacionadas a qualificação de melhorias para seu acervo.

Atualmente a coleção do Museu compreende inúmeras referências bibliográficas, publicações e mais de 7.500 peças, de arte, entre esculturas, mobiliário, aparelhos e instrumentos médicos, objetos de farmácia, retratos produzidos por diversos artistas renomados óleo sobre tela. Entre eles figuram nomes expressivos como: Benedito Calixto, Almeida Júnior, Oscar Pereira da Silva, Gino Catani, Castellane, Tarsila do Amaral, Mário Gruber, Ronaldo Noronha e tantos outros.¹²

As colocações de quadros nos salões da Provedoria são comprovadas em origem pelo primeiro termo de Compromisso no ano de 1907¹³, em função homenageava-se os colaboradores que realizavam grandes feitos e pertenciam ao quadro de: colaboradores, doadores e Irmãos da Mesa Administrativa, assim, esta foi a única maneira de se iniciar a existência de um espaço expositivo ainda que seletivo e pertencente a um só grupo.

¹¹ Glauco Carneiro. *O Poder da Misericórdia – A Santa Casa na História de São Paulo*. – Pág. 377. Volume 3. São Paulo. 2010.

¹² *1ª Análise – Relatório de atividades Agosto de 2011 a dezembro de 2011* – Pág. 16. São Paulo.

¹³ *Acto Adicional ao Compromisso de 30 de agosto de 1907*. – Pág.14. São Paulo. 1907-1932.

A existência de retratos no espaço da Provedoria e Salão Nobre era apenas de cunho comemorativo e de homenagem, inexistente ao incentivo em preservar a origem de dados e documentos que procedem sobre a aquisição de obras e pinturas, permanecendo até os dias de hoje um questionamento em relação a origem de muitas das peças do acervo no Museu (Figuras 1 e 2).

O acervo do Museu da Santa Casa, conta hoje com um mobiliário do século XVIII, objetos de farmácia e botica, objetos de medicina, objetos de arte, documentos históricos, documentos do período da Revolução Constitucionalista de 1932, Roda dos Expostos, Livros de Registro dos Expostos e uma coleção de 193 pinturas em retrato que formam a coleção existente feitas por Benedito Calixto, Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva, Almeida Junior e Tarsila do Amaral além de outros pintores que sucederam este legado.

Pode se observar que cada pintor possui uma maneira convencional de produzir uma pintura, conforme olhamos, seguindo o modelo formal da Academia de Belas Artes, a superfície lisa com tons escuros em plano de fundo em contraste com a própria sobriedade da vestimenta deixa em evidência o enfoque para o rosto da figura retratada que em sua imponência deixa claro seu papel de enorme participação na elite paulistana (Figuras 3, 4 e 5).

Através da análise de documentos, livro de atas de Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, pude observar a necessidade de estudos aprofundados para continuidade em relação ao desenvolvimento qualificado e curatorial da expografia do acervo e pinturas da pinacoteca do Museu, a busca incansável por dados é uma modo de se manter e preservar a procedência histórica, junto com medidas adequadas para se obter legalmente uma peça museológica, a prática e importância de se colecionar um objeto está representada na sociedade durante todo o desenvolvimento da história, o prestígio em adquirir um gosto e relacionar este aos seus interesses intelectuais faz do indivíduo colecionador importante em guardar e preservar uma memória através de seu modo de organização, o prestígio dado para a elite paulistana colocada em retratos, é um modo de obter uma memória visual daquele que participou da formação e como no caso estudado, participou com o desenvolvimento da história da cidade de São Paulo e formação do Hospital da Santa Casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. J. de; RIBEIRO, A.M.G.; BARBUY, H.; ANDREATTA, M. D. *O Serviço de Objetos do Museu Paulista. Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vo.10/11, 2002-2003:240.

AMARAL, Aracy. *O RETRATO na coleção da Pinacoteca*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1976.

BENEDITO Calixto: *Memória Paulista*. Texto Maria Alice Milliet, Benedito Lima De Toledo, Ulpiano T. Bezerra

- de Meneses, Evandro Carlos Jardim, Dalton. Sala. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1990.
- CARNEIRO, Glauco. O Poder da Misericórdia: *A Santa Casa na História de São Paulo*. Volume I – *A Serviço de Deus e do Rei*; Volume II – *Ascensão e Queda do Liberalismo*. São Paulo: Press Graphic, 1986. História das Revoluções Brasileiras. @ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
- MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599? -1884): contribuição ao estudo da assistência social no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976 (Coleção Ciências Humanas, 3).
- NASCIMENTO, Ana Paula. *Espaços e a representação de uma nova cidade (1895-1929)*, Tese de Doutorado. São Paulo, 2009.
- PINACOTECA DO ESTADO, Organização Social de cultura. *Almeida Júnior Um criador de imaginários*. São Paulo, Editora Pancrom Indústria Gráfica 2007.
- PONCIANO, Levino. Bairros Paulistanos de A a Z. Ed. SENAC. São Paulo. 2001.
- SOUZA CAMPOS, Ernesto. *História e Evolução dos Hospitais*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1944. Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. In: Revista do IHGSP, Vol. XLIV (2ª Parte). São Paulo, 1949.
- VALE, Vanda Arantes do. *Pintura brasileira do século XIX: Museu Mariano Procópio*. 1995. [186] p. Dissertação (Mestrado - História e Crítica da Arte) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
- ZANINI, Walter. (Org.). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

FIGURAS



Figura 1 – Reunião da Mesa Administrativa da Provedoria no Salão Nobre. 1993. Fonte: Acervo do Museu Santa Casa de São Paulo.



Figura 2 – Parede do segundo anexo do Museu Santa Casa de São Paulo – Atual Pinacoteca. 2018. Fonte: Débora Elise de Almeida.

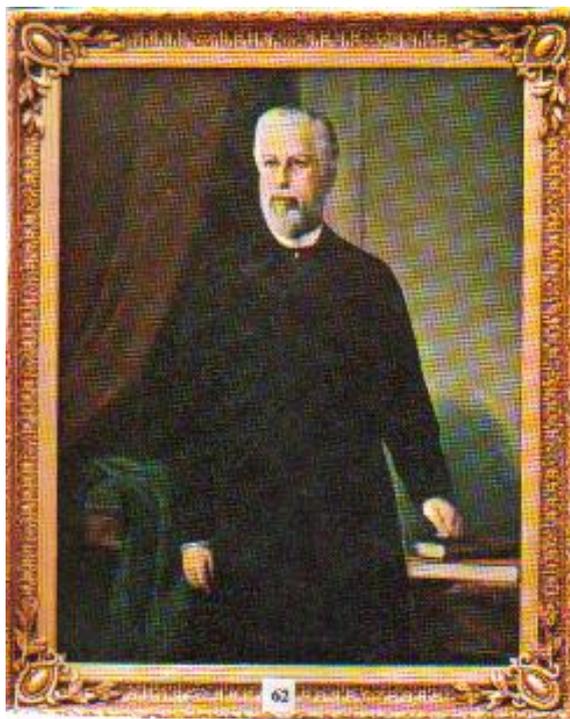


Figura 3 – José Ferraz de Almeida Júnior (Almeida Jr.). *Antônio de Aguiar Barros (Marques de Itu)*, 1886. Óleo sobre tela, Pinacoteca do Museu Santa Casa de São Paulo – Quadro nº 62.

Vestimenta preta com gola branca, em seu lado direito há um livro sobre a mesa, em seu fundo tonalidades de vermelho e verde nos detalhes de tecidos de cortina. O Marques de Itu foi Irmão Mesário da Santa Casa de São Paulo, Fazendeiro, Deputado e Vice-Presidente da Província.

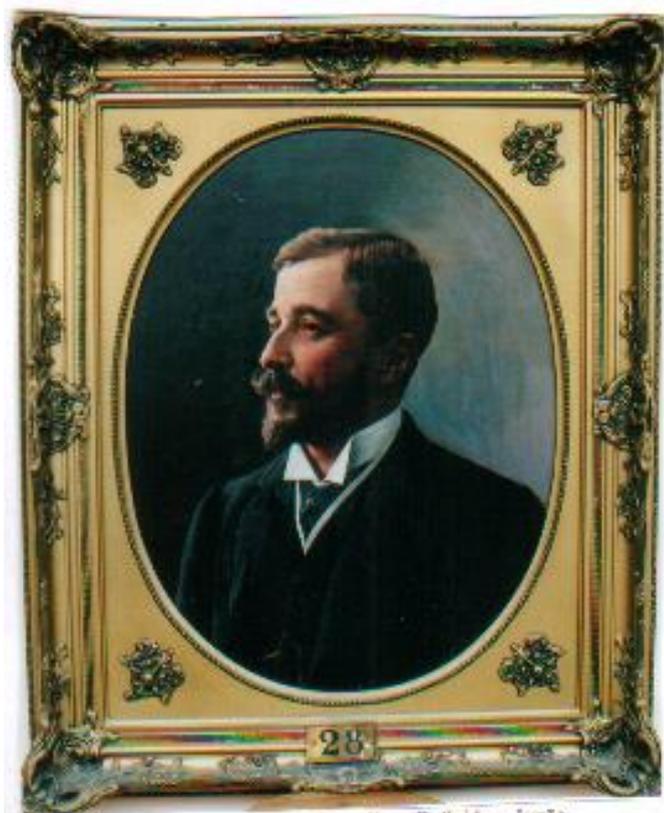


Figura 4 – Oscar Pereira da Silva. *Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho*, 1907. Óleo sobre tela, Pinacoteca do Museu Santa Casa de São Paulo – Quadro nº 28.

De gravata preta, roupas de cor preta e branca e em seu fundo tonalidade azul, Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi considerado um dos mais importantes Irmão Benfeitor e médico professor, tornou-se 2º Diretor Clínico da Santa Casa posteriormente, Diretor da Faculdade de Medicina e Presidente fundador da Politécnica de São Paulo. Presidiu na Sociedade de Medicina e Cirurgia e na Associação Médica Beneficente.



Figura 5 – Tarsila do Amaral. *Plínio Barreto*. Óleo sobre tela, Pinacoteca do Museu Santa Casa de São Paulo – Quadro nº 144. Plínio Barreto, encontra-se retratado com vestimenta preta e branca, gravata vermelha e óculos, ao fundo apresenta uma estante de livros em tons verde e vermelho, a pintura de Tarsila do Amaral demonstra-se sair da normalidade comum em questão de tonalidades sóbrias e frias possuindo referências e alusões ao período modernista. Plínio Barreto pertenceu à Irmandade e ao Serviço de Endoscopia na clínica de otorrinolaringologia da Santa Casa de São Paulo.